



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcánfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*A Reliquia*, por D. Guiomar Torrezão;—*Paizagem da Escocia*, soneto, por Xavier de Carvalho;—*Os grandes portos commerciaes*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Reminiscencias historicas (A campanha do Egypto)*, por Castor;—*Dejeza dos Açores*, (conclusão), por Alberto Telles;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A senhora viscondessa*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Visconde de Moreira de Rey*;—*Lopes Cardoso*;—*O marquez de Pombal*;—*Modas*;—*Os prelados vão fazer peritencia ao tumulo do apóstolo*.

CHRONICA

Tres vezes nada, coisa nenhuma. Tal é a formula que melhor exprime, emquanto a mim, a quantidade de casos importantes de que dispõe quem tenha de escrever, forçadamente, sobre a semana que passou.

Declaro até que, se eu não tivesse justificadissimos receios de que os especialistas se embrulhassem na demonstração da minha epilepsia, já tinha morto alguém, fosse quem fosse e de qualquer modo que fosse, só para corresponder á necessidade em que se encontram, na conjunctura presente, os miseraveis chronistas d'esta cidade de marmore.

Não me abalanco em tal emprehendimento, porque é impossivel deixar de attender muito a que Pranzini, um epileptico provado, lá vae puchando para a guilhotina exactamente como qualquer pessoa de juizo.

E isto prova quanto, em França, a civilisação tem ainda de exquisita. De pouco tem servido ali, como em muitos outros paizes do velho mundo, a prégação do

bom senso, que ha largos annos se empenha em prosperer da face da terra aquella hedionda maneira de eliminar um criminoso.

O resultado é este: Pranzini, contra quem a principio todos nós tivemos um profundo movimento de asco,



VISCONDE DE MOREIRA DE REY

Pranzini que, sem a mais leve duvida, é um scelerado de primeira ordem, apesar de tudo, começa emfim a mover-nos á mais profunda piedade.

E comprehende-se. A covardia humana perante a morte é demasiadamente geral para que possamos in-

dispor-nos contra ella. Ora Pranzini ha muitos dias já que espera pela execução, que, a ter de ser um facto, misericordia seria não lhe pôr delongas.

Elle appellou da sentença, é verdade. Isso, porém, representa menos a esperança, que escassamente deve restar-lhe, de fugir á morte, do que a resolução em que porventura esteja de a procurar por suas proprias mãos, no suicidio, que o aviltaria menos, e que decerto lhe não seria mais doloroso.

A guilhotina, como instrumento de justiça, é ainda um aparelho que deixa muito a desejar. Não ha muitos annos que o cutello teve necessidade de cabir cinco vezes sobre o mesmo pescoço. Como instrumento de infamia e de martyrio, é que talvez aquillo seja a ultima palavra do homem.

E evita-se, por quantos meios é possível, que o criminoso, matando-se, dispense aquella estúpida barbaridade! Porquê e para quê?

Pede vingança a sociedade. Vingança! Custa a comprehender como se arvora em direito a satisfação d'um sentimento que, dado por movel de algum crime, é talvez o melhor dos passaportes para o outro mundo, nas sociedades que enviam para o outro mundo tudo que lhes parece digno de isolamento. O homicidio é um attentado contra a ordem social; o suicidio, quando mais não seja, é um attentado contra a ordem moral; só a guilhotina é uma linda coisa.

Para cumulo de barbaridade, previne-se o paciente com uma antecedencia execravel. Lê-se-lhe a sentença com todos os pontos e virgulas, encerra-se no oratorio, corta-se-lhe o cabello, faz-se-lhe tudo que a praxe fossil determina, e que é perfeitamente de molde a livral-o de sessões depois de morto. Um horror!

A' primeira vista, parece que, sendo preciso matar, seria ao menos conveniente fazel-o com pequena pompa. Adormecer-se-hia o condemnado, por qualquer processo, e, mediante o esvasiamento de uma arteria, ter-se-hia talvez o resultado. A sciencia occupar-se-hia de aperfeiçoar este systema, porque, ainda mesmo que isto seja um grande disparate, não seria a primeira vez que os seus dilectos filhos empregariam mal o tempo.

Nada d'isto porém é exequivel; e uma das fortes razões que se nos antolham contra, é a necessidade imperterivel de facultar ao condemnado o tempo indispensavel para se arrepender, para metter na barrella a consciencia, para, emfim, se preparar convenientemente a travar conhecimento com o carrasco, que é uma digna pessoa, e que de modo nenhum prestaria os seus serviços a quem se lhe apresentasse indigoamente. O condemnado reconcilia-se com Deus, e arrepende-se de ter prejudicado o seu semelhante, de quem no algóz encontra um perfeitissimo exemplar, singularmente proprio a derramar-lhe no espirito a piedade, e cujo olhar, no derradeiro transe, deve, sem duvida, revellar-lhe toda a profunda differença que fazem d'elle, por mau, os homens que, como além está vendo, são em geral bem bons.

Não percebo.

Lisboa, essa, acabou-se. Temos ainda o parlamento aberto, a acreditar no que os papeis affirmam, mas não tiramos d'isso a mais pequena vantagem, porque a sem-saboria tambem tomou assento nas duas camaras, a ponto de ter já passado um mez enorme sem que em S. Bento se jogasse o murro. Uma lastima.

Com semelhante calor, ninguem se atreve a lutar. Quem pode, foge; quem não pode, padece.

Eu sou dos que padecem. Desde que os raios do sol, sem attenção de especie alguma, começaram a provocar, de mim para fóra, a distillação completa de todo o meu contheudo volatil (e eu sou volatil, que é um louvar a Deus); desde que vi, pelos espaços adiante, librar-se caprichosa a pomba dos meus amores; desde que a ville-

giatura decidiu esvasiar a capital, quasi acredito que suspendi a existencia, e que me abandonei n'uma maneira ra de ser, infinitamente analogo á vegetação.

Se d'algun modo tenho consciencia de mim, é porque respeito muito a philosophia cartesiana, e, com Descartes, repito:

—Eu penso; portanto existo.

Penso que transpiro, nada mais, mas isso basta para justificar o raciocinio que, sobre ser irrefutavel, tem a suprema vantagem de não offender ninguem.

De resto, sempre que posso, dou-me ao prazer de abstrahir. E dou de conselho aos que soffrem que me acompanhem n'isto. Sinto-me mal onde estou? Nada mais simples, deixo voar o espirito para os logares onde estaria melhor.

As viagens d'este modo ficam muito em conta. Por mais que o sr. marquez da Foz invente e ponha em pratica, nunca os transportes, pelos seus processos, hão-de chegar á extrema redução de preços que, pelo meu, se atinge.

E não é preciso ser-se extraordinariamente poeta para gosar com isto. Quem não tiver amores, quem não tiver realmente alguma porção da terra onde precise estar, finja que tem, e vá.

Chegado que seja ao termo do caminho, supposto que não escolhido para cumulo das suas ambições um Saharah perfeito, sente-se á sombra da folhagem, escute com attenção bastante o gorgear dos passarinhos, compenetre-se bem do murmurar dos ribeiros ao longo das collinas, viva em contacto com a natureza, viva com ella, dentro d'ella, e diga-me depois se d'esse modo não foi feliz por um momento.

Ou se tem um espirito essencialmente refractario a ser feliz por hypothese, ou realmente se gosa, na pratica d'este meu recurso. A mais bonita paizagem é sempre inferior áquella que a gente pode phantasiar. E' pôr-lhe tudo quanto nos fôr preciso. Coisas e pessoas. Determina-se depois a disposição conveniente para cada uma, a que melhor nos apraz, e eis aqui como se faz um paraíso.

Se está muito calor, a gente abana-se.

Note-se ainda que, n'um mundo assim ideal, não ha necessidade nenhuma de que os dias tenham precisamente as vinte e quatro horas de estylo. Pode ter nascido o sol n'este momento, e obrigar-o o espectador a pôr-se dentro de alguns instantes. Feche os olhos e queira acreditar que é noite.

Por fim convence-se. E, quando para a outra vez fizer de novo a experiencia, ha-de sentir com prazer descer o sol no horisonte ficticio, de modo que, limpando as bagas do suor real, exclamará com jubilo:

— Sume-te maroto!

J. LIMA.

PENSAMENTOS E APHORISMOS

De todos os livros, o da vida é sempre o mais difficil de fazer, principalmente se a pessoa que o faz lhe quer pôr o seu nome.
Com respeito á mulher, o livro da vida só é bom quando não tem assignatura.

Ha sete peccados mortaes para os sete dias da semana. A mulher é o oitavo peccado. Mas não será tambem a quarta virtude theologal?

Estão muito longe de ser poetas e apaixonados os que não passam o Rubicon, visto ser da outra banda que estão a poesia e o amor.

D. Quixote carecia de maior engenho para arremetter com os moinhos, do que Sancho Pança para rir de D. Quixote.

A RELIQUIA

Acabo de ler este livro estranho e incoherente, brilhando a espaços de uns esmaltes lucilantes, pintado, não raro, com uma maravilhosa sciencia da côr, e pergunto a mim mesma que especie de corollario hei de deduzir da confusa e quasi dolorosa impressão que elle deixou no meu espirito.

Não estará a minha intelligencia na orientação moderna, indispensavel à comprehensão do novo trabalho de Eça de Queiroz?

Será a minha ignorancia tão espessa que não me permita julgar o que venho de ler, que não me seja dado expor o meu modo de apreciar em uma forma mais ou menos criteriosa?

Pairará a *Reliquia* na região metaphisica dos ideaes intangiveis, inaccessible à minha obscura analyse, impondo-se, tyrannicamente, do seu nimbo ethereo, à idolatria dos mortais, que de longe a reverenciam, e ao fetichismo dos crentes, que nem mesmo de perto a entendem?

Será uma profanação tentar desflorir pela analyse irrespeitosa a obra prima do mestre, eu, a incompetente e humilde profana?

Eis o que pergunto a mim mesma, ao fechar aquelle singular livro e ao encetar, hesitante, este desprezencioso artigo.

Porque a *Reliquia* de Eça de Queiroz não equivale a meus olhos, apenas a uma obra incarakteristica, cuja psychologia me é inteiramente defesa; significa tambem uma decepção, contra a qual me debato desde que a li.

Porque Eça de Queiroz não pertence ao grupo bohemio dos que fazem a arte pela arte; não é um adventicio que passa atirando-nos, por desfastio ou por negocio, com o ramo de flôres exoticas desabrochadas, incultamente, em uma fantasia indisciplinada.

O autor do *Primo Bazilio* é, pelo contrario, um meticuloso cinzelador, um impecavel joalheiro litterario, um artista sobrio, que produz pouco e que estuda muito mais do que escreve.

E quando o apparecimento do naturalismo em Portugal coincidiu com o seu quasi desaparecimento em França, exactamente como o feitio dos chapéus e dos vestidos, que só começam a usar-se em Lisboa quando já se não usam em Paris, Eça de Queiroz foi, a *una voce*, proclamado pelos novos chefe de escola, isto é Messias do novo culto.

E no *Crime do padre Amaro* e no *Primo Bazilio* sentiu-se germinar a monstruosa efflorescencia da arvore negra do pessimismo que alastra as suas viscosas raizes na lama, e cujos fructos tem o irritante e aperitivo sabor do escandalo.

Esses dois voluptuosos excitantes, esses dois vigorosos estudos anatomicos, de uma carnalidade intencionalmente desnudada, de uma audacia preconcebidamente zolaista, foram dois acontecimentos que arripiaram, por instantes, a estagnada e gelida quietação do nosso microcosmo.

Desde então, Eça de Queiroz foi ungido sacerdote maximo do naturalismo luso, e na larga esteira aberta pelo bergantim timonado pelo seu raro talento de analysta e de estylista, molharam proa todos os chavecos e bordejou, cahoticamente, a turbada multa dos catraios, avidos de macaquearem o mestre.

A escola chancellia, que é no infinito e luminoso céu da Arte, aberto a todos os vãos, propicio ao mysterioso aroma de todos os espiritos que o procuram, paternal e benevolo para todas as formulas do culto que o exaltam, um pingo de tinta preta em um oceano ineffavelmente azul; a escola, contra a qual a França protesta hoje pela livre expressão insummissa dos seus primeiros escriptores, dos seus primeiros criticos, dos seus mais illustres pensadores, foi mais uma vez, em relação á nossa pobre litteratura anonyma, um flagelo.

Os dois romances oriundos de um talento superior, apaixonado por uma determinada phase subjectiva, por uma formula que se lhe afigurou compendiar em si a synthese da alma moderna e da actual vida humana; esses dois livros audaciosamente bellos no meio de todos os seus defeitos, tendo a nota pessoal de um temperamento e marcando a vibrante e indomita força de um innovador, encerrando paginas soberbamente sentidas, que Zola invejaria, que Flaubert não duvidaria assignar, na paciente e torturada minudencia das quais se nos deparava, por vezes, toda a sciencia de miniaturista dos Goncourt; esses dois trabalhos, que poderiam ser um erro de intenção, mas que foram, sem duvida, um triumpho de execução, provocaram da parte dos imitadores uma producção doentiamente anemica, pervertida na sua origem pela fatal preocupação da copia servil, com modelo á vista.

E em qualquer dos livros posteriormente dados á estampa, Eça de Queiroz mostrou-se fiel ao seu deus, — Zola, — á sua igreja, o naturalismo, isto é a verdade, colhida em flagrante pelo seu aspecto mais hediondamente repulsivo.

Em torno de Eça de Queiroz bandeou-se uma insofrida geração de fetichistas, que em homenagem ao seu idolo apedrejaram os velhos idolos obsoletos.

Camillo, o primeiro escriptor que dera uma forma viva ao conhecido preceito de Boileau, o maior entre todos que mergu-

lharam nos insondaveis abysmos da alma humana para alli investigarem as suas complexas e indefinidas dores, as suas occultas e ignoradas luctas, os seus obscuros holocaustos e os seus desiquilibrios medonhos; Camillo foi, pelos novos, votado ás gemonias e instantaneamente eclipsado, ante o altar do innovador.

Da mesma forma que os zolaistas esqueceram em França Balzac, para proclamarem Zola como o chefe do naturalismo, toda a gigantesca obra de Camillo foi momentaneamente esquecida em Portugal, quando se tratou de conferir a Eça de Queiroz a classificação de primeiro, entre os romancistas da Peninsula.

A França, porém, ankisolada pelo *Assomoir*, acordou pouco depois e o grande e titanico vulto de Balzac levantou-se mais alto que nunca.

Em Portugal, o eclipse tambem foi de breve duração, e em dois ou tres admiraveis livros, vibrantes de modernismo, Camillo provou aos insofridos, aos iconoclastas, que a sua palheta dispunha de todas as tintas, e que lhe era facil arrancar á natureza, desde a ideal bondade dos seus quadros idyllicos, até ao vicio monstruoso dos seus antros sombrios, todas as multiplices expressões que se agitam e tumultuam na cambiante physionomia do homem.

Reatando o fio do pensamento que me reconduz á *Reliquia*, em vão procuro n'este livro a famosa these experimental, sempre rediviva em toda a obra de Zola.

O que é a *Reliquia*?

Onde está ali a verdade?

A que especie de conclusão attingiremos, depois de seguirmos Theodorico Raposo, de casa da titi, no Campo de Sant'Anna, até ao santo sepulchro, em Jerusalem?

Que deveremos pensar do schopenhauerismo que transluz latente, na idiosyncrasia d'estes refinados patifes, a começar em Topsisius, o pseude sabio, e a acabar em Raposo, o falso e mercenario papa-missas?

Que objectivo levou em mira o brilhante estylista, fazendo resoar aos nossos ouvidos christãos o brutal riso irreverente de Theodorico ante os logares santos, que o proprio Renan e Strauss nos descrevem com a emotiva e dulcissima suavidade de uma pena que estremece e de uma alma que hesita?...

Não ha na *Reliquia* uma unica pagina sinceramente sentida, e toda a obra d arte, divorciada da estreita effiidade estabelecida entre um organismo, conscientemente mental, e o trabalho que o reflecte, é, a despeito de todas as bellezas da forma, uma obra falsa e ilogica.

Taine disse no seu *De l'Idéal dans l'Art*: «Livro sem caracter determinado, sem objectivo, sem base real, é comparavel a um patel sem rumo, impellido pelo capricho dos ventos e das ondas e exposto a naufragio certo. A sua duração será ephemera.»

Ora quando essa obra provém, como agora, de um escriptor eminente, de um mestre na arte de dizer, de um alto espirito e de um estylista versado em todos os segredos do som e da côr, o vacuo é imprehenchivel, e o dever da critica, ao indical-o é, por via de regra, menos penoso.

Noblesse oblige se o talento de Eça de Queiroz está muito acima de pueris despeitos ou de hyperboles sem valor.

Como producto do naturalismo, a *Reliquia* figura no extremo opposto, isto é pertence, por todas as suas tendencias, pela essencia de que se nutre e pela forma pittoresca a que se subordina, á escola romantica, no seu periodo menos coherente, na sua mais inverosimil e desordenada expressão.

A impressão que nos transmite é, como acima disse, confusa, e a critica auctorizada e competente, para que não me sinto habilitada, quando definitivamente se propoz aquilatar a *Reliquia*, se quizer ser justa, hade ser severa.

GUIOMAR TORREZÃO.

PAIZAGEM DA ESCOSSIA

Sobre os lagos d'um verde embaciado
Fluctua ás vezes, ao luar dormente,
A vaga sombra, romanescamente,
Dos castellos d'um gothico lavrado.

E d'outras vezes, ao luar dolente,
Sobre os lagos d'um verde desmaiado
Vaga o perfil apenas esboçado.
Das «misses» loiras d'um olhar fulgente.

N'uma tinta de céos, coada e fina,
Dissoiavam-se os tons verdes da campina,
E os fundos roxos do poente, ao longe...

Mas d'entre a bruma que reveste os ares
Geme e soluça sepulchraes pezares
O Mar do Norte, como um velho monge!

XAVIER DE CARVALHO.

OS GRANDES PORTOS COMMERCIAES

III

Temos de acompanhar agora muito rapidamente o sr. Loureiro na sua excursão, sob pena de não podermos concluir ainda neste artigo o nosso estudo. Pois é pena, porque desejaríamos communicar aos leitores minuciosamente as interessantes noticias que elle nos dá, por exemplo, ácerca do porto de Londres e das suas maravilhosas dokas.

Londres é um verdadeiro colosso, e resume em si, verdadeiramente, pela espantosa agglomeração da sua população, todas as condições portentosas da civilização moderna. E' um mundo aquella cidade que condensa nas suas sete mil ruas uma população superior a toda a população de Portugal; e como é ao mesmo tempo opulentissima e o grande centro do commercio do mundo, tem ali congregados todos os prodigios da industria humana.

O rio de Londres, o Tamisa, é pequeno de mais para o immenso movimento maritimo da cidade, que em 1883 era representado, só em navegação colonial e estrangeira, por um movimento de 70 para 80:000 navios. A accumulção de tamanho numero de navios em tão pequeno espaço faria com que fosse impossivel evitar os abalroamentos constantes e os roubos e os assaltos ás embarcações, feitos a favor da confusão, e que no principio d'este seculo se repetiram com immensa frequencia, se não houvesse as dokas, que abrangem uma extensão enorme, onde entram os navios, acostando-se aos caes, e desembarcando os seus generos para os armazens, onde se fazem todas as transacções necessarias.

As dokas são muito numerosas, e grandiosissimas algumas d'ellas, como as dokas Victoria e Alberto, que são servidas por uma immensidade de vias ferreas e por machinismos portentosos. As dokas de Santa-Catharina, as das Indias Orientaes, as Commerciaes são todas, por diversos titulos, curiosissimas.

Querendo apertar-nos em limites estreitos, não podemos citar todos os dados estatisticos interessantissimos, apresentados pelo sr. Loureiro ácerca de Londres; mas sempre apresentaremos algumas notas curiosas de generos importados em Londres no anno de 1878.

Entraram no porto de Londres n'esse anno, pondo de parte, é claro, o que entrava por terra—1.300:000 toneladas de cereaes, 393.500 de assucar, 171.000 de batatas, 150.000 de arroz, 100.000 de farinha, 92.000 de chá, 72.000 de café, 51.000 de carne, e entraram, alem d'isso, 82.206 bois, 717.150 carneiros, 99 milhões de litros de petroleo, 43 milhões de litros de vinho, 26 milhões de litros de alcoolicos, 12 milhões de litros de azeite.

Visitou em seguida o sr. Ferreira Loureiro os portos do Tyne e do Wear, quer dizer Newcastle e Sunderland, importantissimos ambos pelos seus magnificos estaleiros, sempre em plena actividade, distinguindo-se entre esses estaleiros os do celebre Armstrong, e pela enorme exportação de carvão de pedra, produzida por aquella riquissima região mineira de Northumberland. As minas d'este condado empregam cerca de 100:000 operarios. Newcastle, em 1863, exportou nove milhões de toneladas de carvão e Sunderland perto de quatro milhões.

E' muito curioso o embarque do carvão em Newcastle. Ha linhas ferreas inclinadas, que vão dar quasi ao caes e que se estendem por sobre as aguas. Os wagons enchem-se de carvão na mina, e seguem; ao chegar ao fim, abrem-se e despejam para dentro dos navios, no meio de uma negra nuvem de fumo, o carvão que transportam.

Os portos escocizes de Glasgow e Greenck, situados ambos no rio Clyde, tem hoje tambem uma importancia extrema. Glasgow deve-a sobretudo ás suas construcções maritimas, e á sua exportação de carvão. E' extraordinaria a tendencia que ha em Inglaterra para as grandes agglomerações de população. Glasgow, que em 1707 tinha 14:000 habitantes, em 1880 tinha 578:000.

Greenck acompanha Glasgow passo a passo.

Liverpool, com as suas magnificas dokas, hoje ampliadas tambem para Birkenhead, que lhe fica fronteira, é um porto de extrema importancia. Foi d'antes o antreporto do commercio de escravos, que recebia de Africa e enviava para a America; depois passou a ser e está sendo ainda hoje um dos portos por onde sae em grande numero de emigrantes; mas o que dá uma grande importancia a esta praça é o commercio do algodão. Recebe-o em bruto, e devolve-o depois em tecidos para o mundo inteiro. Em 1880 recebia 2.500:000 fardos de algodão, e exportava 2.190:397 kilometros de tecidos de algodão.

Southampton é um dos grandes portos de escala de Inglaterra. Foram alli organisadas 11 grandes companhias de vapores, cujas frotas reunidas dão um total de 208 paquetes. As tres companhias que tem mais paquetes são a companhia Brazil e Rio da Prata, que tem 50, o North German Lloyd, que tem 44, e a Mala Real, que tem 26.

Larguemos agora a Inglaterra, larguemos a Europa e acompanyamos o sr. Loureiro na sua viagem á Asia. Bem nos custaríamos a poucas linhas a noticia do canal do Suez, tão interessante, justamente considerada como a mais importante d'este seculo.

Deixando a Europa, passou o sr. Loureiro pelo canal de Suez; diz-nos elle que a viagem pelo canal é bem pouco pittoresca. Atravessa-se devagar e debaixo de um calor ardentissimo por entre margens tristes e aridas. Os navios cruzam-se nas estações especiaes, que ha para esse fim, e que estão de 10 em 10 kilometros. A extensão completa do canal é de 160 kilometros.

Como apesar da boa organização dos serviços e do funcionamento da telegraphia electrica, a demora dos navios é muito grande, pensou-se em abrir outro canal, mas recuou-se diante da enorme despeza.

Pois as receitas da companhia são importantissimas. Em 1883 teve um saldo liquido de 37 milhões de francos.

As taxas da navegação alli são pesadissimas, a 10 francos por tonelada e 10 francos por passageiro; mas as vantagens do caminho são tamanhas, que o numero de navios que por alli passaram em 1883 foi muito superior a 3.000.

O sr. Loureiro descreve de um modo muito interessante as obras hydraulicas de Port-Said, e o porto de Suez onde está situado o palacio da companhia com as suas salas, armazens, etc.

Os primeiros portos asiaticos descriptos pelo sr. Ferreira Loureiro são os portos francezes de Saigon e Pondichery, e causa tristeza ver como se trabalha n'esses portos, apesar dos condições difficéis em que se se acham, ao passo que os nossos melhores portos commerciaes se vão fatalmente perdendo.

Saigon é a capital da Cochinchina franceza, e tem atravessado crueis lances produzidos pela guerra; ainda assim, a sua exportação tem augmentado successivamente desde que a possuem os francezes.

Em 1868 foi o seu porto visitado por 25 vapores, em 1883 subiu em numero a 500. Fazem-se obras no porto e trata-se seriamente do regimen hydrographico.

Pondichery tem más condições nauticas no seu porto, e demais a mais é esmagado pela concorrência dos grandes portos inglezes, que lhe ficam perto. Ainda assim, o seu movimento commercial é superior annualmente a 16 milhões de francos, quer dizer excede bastante 2:800 contos.

A cidade, que conta uns 50.000 habitantes, é, segundo diz o sr. Loureiro, a mais acieada de todas as cidades indianas que visitou.

O porto de Hong-Kong é muito digno de ser estudado, principalmente porque possuímos nas suas vizinhanças a nossa antiga colonia de Macau, que não tardará a ser occupada pela poderosa colonia ingleza, principalmente depois do recentissimo tratado feito com a China e que vai tirar toda a importancia a Macau.

Quando a ilha de Hong-Kong foi cedida aos Inglezes pela China, em 1841, tinha apenas uns 700 habitantes em pequenas e miseraveis aldeias. Hoje tem 150:000 habitantes, aldeias florescentissimas, e a capital, Victoria, tem cerca de 100:000 habitantes. A terça parte do commercio da China faz-se em Hong-Kong, representando esse commercio para esta ilha cerca de 90:000 contos de réis. As suas dokas e a excellencia do seu porto fazem com que Hong-Kong seja o porto de escala obrigado de todos os navios que se dirigem para o extremo Oriente. Victoria é uma cidade magnifica; tem estabelecimentos commerciaes importantissimos e optimos edificios.

Emquanto Hong-Kong floresce e prospera, Macau vai se precipitando por um pendor de decadencia, verdadeiramente espantoso e terrivel.

A receita da colonia de Hong Kong que é porto franco, sobe a mais de 240.000 libras, quer dizer a mais de mil contos de réis.

Outro porto asiatico, possuidor hoje de uma enorme importancia, é Singapura, cidade modernissima e que está sendo comtudo uma das mais opulentas do Oriente.

A peninsula de Malaca offerece ao commercio uma situação excepcionalmente vantajosa, que Alfonso de Albuquerque perfectamente reconheceu quando se assenhoreou da cidade d'esse nome, que tivemos em nosso poder durante cento e trinta annos. Passou depois ás mãos dos Hollandezes, mas esses, senhores da ilha de Java, aonde tinham estabelecido a capital dos seus estabelecimentos orientaes, dominando em Sumatra, chamaram naturalmente para essas grandes ilhas proximas a corrente do commercio, e Malaca principiou a decair. Durante as guerras do primeiro imperio francez aconteceu á Hollanda o que nos acontecerá, e soffreu a pena de talião. Aproveitára ella o termos sido escravizados pela Hespanha para nos tomar as colonias, consideradas como colonias hespanholas. Aproveitou a Inglaterra ter sido a Hollanda escravizada pela França para lhe tomar as colonias, considerando-as como colonias francezas.

Mas a paz de 1815 fez com que a Hollanda recuperasse a sua independencia, e com que a Inglaterra se visse obrigada pelo voto da Europa a restituir-lhe algumas das colonias de que se apossára. Uma d'ellas foi Java. Então, Stamford Raffles, governador inglez d'esta ilha, vendo fugir á Inglaterra o commercio d'aquella região com a perda d'esse grande emporio, lembrou-se de resuscitar Malaca, mudando-a de sitio, e foi por isso que em 1824 fundou na ilha de Signapura a cidade que tão depressa se tornou florescente. Para se apreciar esse pasmoso desenvolvimento basta dizer-se que a cidade, que nasceu em 1824, tinha, 57 annos depois, 39:208 habitantes.



LOPES CARDOSO

Citemos agora de corrida os outros portos que o sr. Loureiro visitou. Pulo-Pinaug, ilha situada proximo de Malaca, que tinha 190.000 habitantes em 1881, e que tem uma especie de sucursal de Singapura na sua capital; Georgetonn; Colombo, o porto principal da ilha de Ceylão, onde existem tantos vestigios do dominio portuguez, e que está sendo o principal porto da enorme exportação d'aquella riquissima ilha, onde em 1880 se pescaram mais de 35 milhões de ostras perlíferas, e se exportaram em 1878 mais de 50 milhões de kilos de café; Bombaim, cuja historia, por ser para nós tão interessante, o sr. Loureiro conta com mais desenvolvimento, e de cujo esplendor nos dá importantes noticias, fallando-nos no seu movimento marítimo, que excede annualmente 90.000 navios, nos seus caminhos de ferro, na sua exportação de algodões, que tamanho desenvolvimento tomou quando a guerra dos Estados-Unidos paralysoo o commercio americano, nas suas dokas, e nas suas companhias de navegação; Madrasta, com o seu movimento commercial de 40 a 50.000 contos de réis por anno; Calcuttá, a populosa capital do imperio iudo-britannico, a proposito da qual o sr. Loureiro nos dá interessantes informações acerca da curiosa hydrographia do Gauges; Aden, que lhe merece uma ligeira noticia, e finalmente Batavia, a opulenta capital das Indias Hollandezas, com o seu porto de Priok, recentemente construido, e que vai ser ligado a Batavia por um canal dispendiosissimo.

Termina o livro do sr. Loureiro com dois interessantes estudos, um acerca da construcção, exploração e policia dos portos commerciaes, outro acerca das irrigações na India Inglesa. E', como se vé, este livro uma das obras mais importantes que ultimamente se teem publicado no nosso paiz, e, se todos os que vão estudar ao estrangeiro déssem assim conta da sua viagem, abençoado seria o dinheiro gasto com elles.

PINHEIRO CHAGAS.

Reminiscencias historicas

A CAMPANHA DO EGYPTO

I

D'entre as imagens populares que cobrem as paredes das choupanas modestas, destacam-se, sobre tudo, duas que, pelo seu character legendario, devem ter formado no espirito do povo dos campos a epopeia napoleonica em toda a grandeza do seu cosmopolitismo. Uma representa Napoleão I, montando solidamente um cavallo que se levanta sobre a garupa e cujos pés se apoiam sobre o pincaro do mais alto rochedo dos Alpes. Com o braço estendido, o imperador mostra aos seus soldados a Italia, ou antes o mundo inteiro.

A' frente do seu exercito, atravessando a pé e de cabeça descoberta estes mesmos Alpes, Cesar não foi nem mais grande nem mais universal. A idéa que guiou a legião romana é menos vasta do que a que conduziu os regimentos francezes. A primeira esboça a unidade europea, em nome de Cesar, tal como Carlos Magno procurou reconstitui-la no fim da epoca barbara; a segunda envia ao espirito uma especie de presentimento da unidade do globo. A legião romana colonisa; o grande exercito francez faz um apostolado. A legião romana leva Roma comsigo e, como o inglez de hoje, pretende levantar em toda a parte os fundamentos da cidade que para ella é o mundo. O grande exercito francez diz: «Eu sou o espirito da Revolução; povos levantai-vos e quebrae as vossas algemas!»

A segunda imagem representa Napoleão sobre um dromedario, nas areias de Memphis. Ao longe erguem-se os vertices escavados das Pyramides. O delicado perfil do general, a sua tez bronzeada, os seus cabellos compridos fazem lembrar ao mesmo tempo as medalhas egypcias, Ptolmeu, Sesostris, e os bustos dos reis modernos. O Levante e o Occidente, o Norte e o Meiodia fundem-se n'esta physionomia quasi symbolica.

Vede como o heroe se affasta do seio da Revolução desde que ella deixa de ser grande. Os seus pés teem a ligeireza dos do andarilho antigo. O imperador foge da lama e das trevas do Directorio com o que quer que seja de um deus e vae direito á luz, e mergulha, radiante, no sol dourado do Egypto, e na sua poeira vermelha.

Affastando-se, lança um olhar sobre a França que vae deixar e exclama: «Disseram-me que montasse a cavallo; se o fizesse, ninguem me seguiria; é mister partir.» Parte, e chega ao Egypto com esse exercito que leva nas suas fileiras o espirito e o syncretismo de Voltaire, a sciencia da encyclopedia. Não vae, como Mahomet ou Godofredo de Bouillon, combater por um deus; combate pela humanidade. «Allah é grandel» diz elle aos arabes, porque para elles Allah é Deus e não ha outro Deus senão Allah. E' Allah que elle invoca para proteger o seu exercito; e é com a colera d'Allah que elle ameaça os rebeldes do Cairo. Na sua lin-

guagem imprimem-se todas as pompas do Oriente, ao mesmo tempo que o seu genio politico entrevé o poder da idéa religiosa considerada como meio de governo.

A campanha do Egypto tem de commum com a campanha da Russia, que Napoleão e o seu exercito foram ali encerrados como n'um circulo inexpugnável. Era preciso que o heroe recebesse, como um duplo baptismo, os raios do sol africano e as neves moscovitas.

Chegado a Toulon, onde o esperava o seu exercito de Italia, o imperador saída-o, traça-lhe o seu destino e, como um imperador romano, promette a cada soldado que regressar á patria, com que comprar dez geiras de terra. Embarca. O seu navio, *L'Orient*, leva-o para o berço da poesia, dos mythos profundos e dos grandes conquistadores. Napoleão apodera-se de Malta na passagem; destroe o ultimo vestigio da cavallaria religiosa; desembarca em Alexandria, e ainda todas as forças napoleonicas não tinham saltado em terra, já o general e as suas primeiras columnas haviam tomado de assalto a cidade, que em vão se defende.

Enquanto a esquadra segue o rumo de Aboukir, Napoleão lança o seu exercito no deserto, chega ao Nilo, repelle o inimigo e para junto das Pyramides, entre o rio e o Cairo. Um circulo de Mamelucks, com armas resplandecentes, envolve esta pequena força. O sol do thermidor inflamma a atmospherá. O exercito faz alto e forma quadrado. O perigo, o local do combate, a magestade das recordações ao aspecto d'estes monumentos, que atravessaram todas as edades conhecidas da humanidade, accendem os brios do general e dos seus soldados. O imperador solta então a memoravel phrase: «De'alto dos Pyramides quarenta seculos vos contemplam!»

Senhor do Cairo, repelle Mourad e Ibrahim, recebendo então a triste nova da perda dos seus navios, queimados em Aboukir. «Não tenho esquadra, diz elle, está bem! E' mister ficar aqui ou sair d'aqui com honra e gloria.»

Sem se preocupar com a perda dos navios, Napoleão celebra festas religiosas, organisa e administra. Cidadão do mundo, em toda a parte está na sua casa. O vasto poema de que é ao mesmo tempo creador e heroe, grava-se por tal forma no seu espirito que chega a identificar, no pensamento dos seus soldados esta concepção de um papel que deve encher o mundo. A harmonia é perfeita; o capitão e o seu exercito constituem um côro unisono.

Tudo é maravilhoso n'esta campanha admiravel e gigante. O homem engrandece com o perigo. O Cairo revolta-se; no deserto inteiro refulgem lanças e fusis. Napoleão lança-se no meio dos vencidos revoltados com a impetuosidade do simoun. «A hora da clemencia passou,» diz elle. E eil-o mais terrivel que um dos flagellos imaginados pelo genio da Biblia. No dia seguinte, vemo-l'o, seguido de uma pleiade de sabios, com a frente pensativa inclinada para o solo, procurando nas areias de Suez os vestigios do canal de Sesostris.

E' porém na campanha da Syria que o famoso general nos apparece sob o seu aspecto mais susceptivel de impressionar a imaginação das massas. A guerra entre a Republica e a Porta não deixa ao exercito francez um instante de repouso.

Entra na Syria, desbarata a guarnição d'El-Arich, bombardea o castello, atravessa Gaza e cae sobre Jaffa, onde se opera um massacre inaudito.

Por desgraça, a peste reina implacavel no Imperio Ottomano. O terrivel mal apparece de subito, como um vingador, invadindo as fileiras do exercito egypcio.

O desanimo e o terror apossam-se da alma dos soldados. Os pestiferos juncam e solo em todas as attitudes da morte, do steror e da agonia.

De repente, apparece um homem, o joven general d'este exercito de moribundos. Veste o seu mais brilhante uniforme, e traz comsigo as suas armas mais refulgentes. O seu estado-maior segue-o consternado.

Com a dextra nua toca os peitos lividos dos pestiferos. «Levanta-te. Lazaro!» e Lazaro levanta-se ao simples toque d'aquella mão.

CASTOR.

DEFEZA DOS AÇORES

1581-83

III

(CONCLUSÃO)

Em 15 de setembro chegava ao Tejo o Marquez de Santa Cruz, trazendo, como glorioso tropheu, a capitanea inimiga entre os seus galeões empavezados.

Al tiempo que Setiembre amedia el mes,
Nos saludan de Cádiz las galeras,



O MARQUEZ DE POMBAL

Responde *Sant Martín* do va el Marqués,
Y luego nuestras naves por hileras,
Allí de los isleños y el francés
Arrastrando cuarenta y seis banderas
Ganadas con trabajo en buena guerra,
Don Alvaro triunfando entró en la tierra.

Teve, com effeito, o caracter de um triumpho a sua entrada em Lisboa. De uma das janellas do paço, com a imperatriz, o archiduque Alberto e a archiduqueza Margarida, assistiu áquelle acto o herdeiro de Carlos V, já informado por uma nau franceza, que veiu sem governo parar á costa de Setubal, da famosa batalha de Villa Franca do Campo, uma das mais notaveis que se feriram no Atlantico. Não podiam, na verdade, conceder-se maiores honras ao heroico Bazán, e a presença de Philippe II significava a altissima consagração de um facto que ia abrir mais um capitulo brilhante na historia de Hespanha. Esmaltavam-se os louros ensanguentados do marquez da Santa Cruz com a solemne assistencia do rei, em cuja personalidade residiam então todos os poderes do Estado, e o fulgor da victoria, claramente attestada na presa da almirante, avivava-se com os esplendores da cõrte, que rendia jubilosa seus preitos de homenagem ao inexoravel vencedor dos inimigos de Castella.

Mas, como frequentemente succede, uma cousa são as apparencias e outra, mui diversa, a realidade.

Desapparecera das aguas insulanas a esquadra que tinha ido em soccorro do prior do Crato; porém, tinham regressado a França algumas das suas velas, commandadas pelo conde de Brissac, agora immolado pela desgraça ás iras de Catharina de Medicis, despeitada em suas ambições; e outros navios tinham procurado abrigo na Terceira, sendo não menos de trinta os que fundearam em Angra «con las que formó don Antonio su escolta», no Jizer do sr. Fernandez Duro. ¹ Perdera elle, sem duvida, um dos seus auxilios mais valiosos na esquadra que o marquez de Santa Cruz tinha vencido; mas isso não obstava a que entrassem em Angra, até á vista dos galeões de Castella, algumas naus inglezas e francezas, com reforços consideraveis de armas e de gente; e menos ainda se pôde aventar que a França e a Inglaterra já não tivessem armadas nos seus portos e que o pavilhão hespanhol dominasse em todos os mares. Por ultimo, a armada de Bazán fõra mandada conquistar a Terceira, e tinha, com effeito, avistado a ilha. Mas n'esta continuava erguido o pendão das quinas, e os seus filhos estavam, mais que nunca, apercebidos para uma lucta desesperada e para uma defeza heroica. Deliberados a não se entregarem sem combater primeiro, fiavam da sorte das armas o triumpho ou a ruina da sua causa—com tanto mais valor quanto era pequeno o ambito dos seus recursos e quasi sem limites o poder de Hespanha.

O achar-se a estação muito adeantada parece ter sido a causa de se haver malogrado a expedição ainda esta vez. *Mediado ya el mes de Agosto*, estimó Bazán que no era tiempo de expugnar la Terceira» diz o sr. Fernández Duro. ² Todavia, reconhecendo talvez quanto esta razão é pouco subsistente, o mesmo escriptor adduz outras: a falta de barcos chatos necesarios para operar o desembarque; o conhecimento que tinha do estado de defeza da Terceira, e da resistencia que faria, pelas mais que duvidosas revelações de Francisco de Portugal, conde de Vimioso; ³ finalmente, o receio de que os inglezes dessem caça ás naus das Indias que estavam a passar nos Açores, e a necessidade de as proteger.

E' certo, porém, que Juan Martinez de Recalde chegara com quinze naus a S. Miguel a 9 de agosto, ⁴ e que as duas frotas partiram juntas em busca da que voltava das Indias, encontrando-a perto do Corvo.

O marquez de Santa Cruz destacou sete galões e dois patachos para a comboiarem, e tomou o rumo da Terceira, á vista da qual surgiu com toda a esquadra. «Acossada por temporaes violentos, nada se atreveu, porém, a tentar» ⁵ escreveu Rebello da Silva. Mas, segundo affirma o auctor dos *Annaes da ilha Terceira*, não succedeu assim. Eis como elle se expressa: «Então o marquez, deixando em S. Miguel quasi tres mil soldados de guarnição, partiu com as duas armadas, e em tres dias se achou defronte da ilha Terceira, a qual, sem fazer caso das cartas e embaixadas do marquez e seu poder, lhe respondeu com tanta e tão forte artilheria que elle desistiu da empreza e voltou a Lisboa» (t. I, pag. 279 e 280). A obra de Drummond é, na verdade, uma «indigesta e mal feita compilação de antigos codices,» como a qualificou o sr. Camillo Castello Branco; ⁶ mas eu, que ainda o conheci, que o tractei de perto, e até o vi muitas vezes trabalhar em casa de meus paes, posso aqui dar testemunho de que elle era bastante escrupuloso em colher as suas informações e se guiava sempre por memorias e documentos dignos de fé.

O sr. Fernández Duro omittiu o facto, referido por outros escriptores, da ida de Bazán para a Terceira em 1582. D'elle tam-

bem se não encontra vestigio nos documentos, appensos á sua obra, entre os quaes, todavia, vem por extracto uma communicacão ao secretario de estado Juan Delgado sobre «las occurrencias de la armada después de la victoria.» em que «critica á este (*Bazán*) por no atacar desde luego á la Tercera, aunque confiesa que la estación está muy adelantada.» A communicacão era feita por D. Pedro de Tassis, que ia na armada, e presenceara todos os successos d'ella; mas parece que o santo e senha era o achar-se a estação já muito adeantada... em agosto!

Decorreu perto de um anno.

Os hespanhoes, que tinham apparecido nos Açores no verão dos dois annos antecedentes, não deviam lá faltar em 1583. Era natural, era até certo irem: a derrota de Valdés na Casa da Salga, e o malogro das duas expedições, a de Figueiroa em 1581 e a do marquez de Santa Cruz em 1582, estavam de si annunciando uma nova tentativa, porventura mais resoluta e mais forte, quando o não persuadissem razões de muito peso, como era a necessidade que tinha o gabinete do Escorial de segurar a integridade da nova conquista pela sujeição e obediencia de todos os seus subditos.

Pouco faz ao nosso intento a tomada da ilha Terceira e das outras que seguiam a bandeira do pretensor pelo marquez de Santa Cruz no estio de 1583. E se com a perda dos Açores ainda se não desvaneceram todas as esperanças do prior do Crato, tinha-se definitivamente apagado o ultimo facho da independencia nacional, que ainda ardia em seus asperos rochedos.

A Terceira resistiu quasi dois dias, mas teve que pagar muito cara a sua corajosa altiveza. Para satisfazer as tropas, o marquez de Santa Cruz metteu a sacco a cidade de Angra.

«O roubo e o incendio—diz Rebello da Silva ¹—assignalaram de estragos seus passos. Nas ruas jaziam nus e insepultos os cadaveres das victimas a par dos corpos das rezes e animaes mortos. De dentro das casas, ao clarão das chamas ateadas, soavam pelas portas arrombadas gritos, prantos, supplicas e gemidos. Mulheres e donzellas deshonradas choravam os maridos ou os paes perdidos. Os filhos buscavam as mães, as mães anciosas chamavam pelos filhos, creanças desamparadas vagueavam como loucas. Offereceram-se e extorquiram-se grossos resgates, premios da vida ou da liberdade.»

O marquez de Santa Cruz marcou a ferro e fogo a sua estada nos Açores. Os suppliciados de Villa Franca do Campo e a mortandade dos saqueados na Terceira tingem de sangue a sua campã e fazem sombra á sua memoria.

Ainda depois vieram os processos dos traidores e as execuções publicas. Trabalharam as forcas e o cutello do algoz. Mas d'est'arte se ia consolidando a obra de Philippe II.

Triste gloria!

¹ *Historia de Portugal*.—t. III, pg. 85 e 86.

ALBERTO TELLES.

OS CRIMES ELEGANTES

(Continuado do n.º 49 do 3.º anno)

VIII

A doença do conde de Sendim

—Sente-se melhor, meu pae? perguntou Roberto aproximando-se do leito do enfermo,

—Agora sinto-me bem, respondeu com voz fraca o conde de Sendim.

E volvendo logo á sua idéa, á sua apprehensão de doente, perguntou á queima roupa, a seu filho, fitando-o bem, procurando ler-lhe na cara, mais do que ouvir-lhe dos labios, a resposta á sua interrogacão:

—Então os medicos o que disseram? Como me acham esses senhores?

—Acham-n'o melhor, muito melhor, respondeu immediatamente Roberto, sem titubear.

—Mas o que dizem elles que é isto? inqueriu o conde.

—Uma syncope, uma ligeira syncope, sem importancia alguma.

Sem importancia, sem importancia! repetiu o doente com visivel impaciencia: Sem importancia para elles! Não se teem syncopes umas atraz das outras sem mais nem mais, sem rasão alguma...

—D'accordo, respondeu Roberto.

O conde olhou para elle muito admirado.

—D'accordo, não ha syncopes que não tenham a sua rasão de ser; mas a rasão de ser d'essas suas, é que não tem gravidade alguma.

¹ *La conquista de las Azores*, pag. 53.

² *Idem*—pag. 55.

³ Rebello da Silva—*Historia de Portugal*—Notas, pag. 485 a 487.

⁴ Drummond—*Annaes da ilha Terceira*, t. I, pag. 279.

⁵ *Historia de Portugal*—t. III, pag. 66.

⁶ *Sentimentalismo e Historia*, pag. 183.

—Isso dizem elles!... ou dizem vocês para não me assustarem, tornou o doente.

—Ha cousas que não é preciso ser medico para se perceberem, continuou Roberto; o meu pae sente alguma dôr especial, em algum sitio determinado?

—Não.

—Sente algumas afflições, algumas agonias?

—Tambem não...

—Ora já vê, que se tivesse qualquer doença grave de que essas syncopes fossem a resultante, devia por força sentir alguma coisa. Não sente nada, que maior prova quer, de que não é nada isso que tem?

O conde não respondeu nada a este argumento, ou por que elle o convencesse realmente, ou por que se quizesse deixar vencer. Antonina aproveitou immediatamente esse silencio.

—Vamos, disse ella, agora basta de conversa. Está fraco, é já muito tarde e faz-lhe mal estar tanto tempo sem dormir. Socegue um bocadinho.

—Pois sim, accedeu docilmente o conde, mas hade prometter-me que vae tambem deitar-se, que vae tambem socegar.

—Vou, já se vê que sim, respondeu logo desembaraçadamente a governante.

—Não quero que perca aqui a noite:—graças a Deus, não estou, creio eu, em estado tão perigoso, que seja necessario perderem a noite ao pé de mim.

—Quem fallou em perder a noite? perguntou Antonina. Eu vou-me deitar, e seu filho tambem.

—Eu vou escrever ainda, disse Roberto.

—Vaes escrever? A estas horas? perguntou o conde surpreendido e meio desconfiado.

—Vou, amanhã sae paquete para New-York, explicou Roberto, sae sedo, eu tenho que escrever por força umas cartas para lá, por causa de negocios da casa de Londres, e prefiro muito mais deitar-me tarde e deixar tudo feito já, do que ir deitar-me agora e amanhã ter que madrugar.

—Olhe, então, ponderou Antonina, se o senhor se deixa ficar ainda em pé, se se deita mais tarde, faz-me o favor, de antes de se deitar, vir aqui ao quarto de seu pae apagar a luz.

—Pode-a apagar já, disse o conde, basta-me a lampada accesa.

—Para que? O sr. está ainda acordado, seu filho fica ainda em pé, deixe estar a luz, e quando elle se recolher, vem por aqui e apaga-a.

E apertando a mão do conde, Antonina perguntou-lhe:

—Não quer mais nada de mim? Veja lá, quer um caldinho agora, ou uma chavena de leite?

—Não, não quero nada.

—Então muito boa noite, sr. conde, estimo muito as suas me-lhoras.

E Antonina, dirigindo se a Roberto, despediu-se d'elle.

—Muito boa noite!

E sahiu para o corredor, chegando-se ao seu quarto.

Roberto ficou ainda um bocado junto do leito de seu pae, silencioso.

—Então o que estás tu a fazer aqui?

—Nada.

—Se tens que escrever, vae escrever... anda... isto é já muito tarde.

Estava a ver se o pae adormecia.

—Não é preciso; eu adormeço bem sózinho. Vae, vae.

Roberto sahiu do quarto, foi para a casa contigua, e sentou-se n'uma cadeira.

Passado um bom pedaço, foi pé ante pé até á porta do quarto de seu pae, e espreitou.

O doente adormecera.

Diminuiu a luz do candieiro de azeite que illuminava o quarto do enfermo, e esteve um momento parado aos pés do leito, a ver se o somno de seu pae era agitado ou tranquillo.

O conde dormia socegradamente.

Sahiu do quarto tambem pé ante pé e esteve um instante parado no corredor, indeciso.

Por fim decidiu-se.

Encaminhou-se para porta dos aposentos da governante, onde sua irmã ficára dormindo, depois da syncope que tivera.

Bateu de mansinho com os nós dos dedos.

—Ha alguma novidade? perguntou de dentro, sebre saltada, a voz da governante.

—Nenhuma.

A porta abriu-se e Antonina appareceu.

—Seu pae?

—Está dormindo muito socegado, informou Roberto.

—Deus queira que durma um bom somno... Se dormir, estou certa que amanhã estará muito melhor.

—Vinha dizer-lhe isto e perguntar-lhe como está minha irmã.

—Está como se nada fosse, dorme o melhor dos seus somnos.

—E a senhora hoje não se pode deitar, disse Roberto.

—Nem me deito, eu deitava-me-lá com seu pae n'aquelle estado!

—Mas olhe que lhe pode fazer mal...

—Não faz...

—E não é preciso ficar de vigia. Eu não me deito... pode dormir socegada, se houver alguma novidade venho chamal-a logo.

—Pois sim: eu não vou lá para o quarto d'elle, porque se assustaria se acordasse e me visse; encosto-me para ahi para cima d'um sophá... mas se elle acordar, se tiver alguma coisa, chame-me logo, sim?

—Immediatamente, respondeu Roberto.

E affastou-se.

A governante fechou de novo a porta e Roberto, passando pelo quarto de seu pae, e verificando outra vez se elle dormia, entrou na casa contigua,

Sentou-se n'uma cadeira e accendeu um charuto.

E esteve assim cerca de uma hora, pensando nas occorrencias estranhas d'esses ultimos dias, na doença de seu pae, na sua vinda a Lisboa, no seu dialogo com Antonina horas antes, no convento, e pouco a pouco, involuntariamente, o somno apoderou-se d'elle.

Começou a sentir cerrarem-se-lhe as palpebras com uma força implacavel.

Tentou reagir.

Levantou-se, sahiu ao corredor, e espreitou de novo para o quarto de seu pae—: continuava a dormir tranquillamente.

Voltou á mesma casa, e sentou-se n'outra cadeira.

D'ali a momentos o mesmo somno terrivel de volta com elle.

Esfregou os olhos, passeiando pela casa.

Era tudo baldado: não havia meio de afugentar a maldita somnolencia.

—Talvez que refrescando com o ar da noite, pensou elle...

E abriu a janella.

A noite estava escura, mas d'uma serenidade deliciosa. A janella dava para um jardim, que acompanhava a casa em toda a sua extensão.

Sentou-se n'uma cadeira de cortiça que estava mesmo de frente da janella, ao pé d'um pequeno tanque.

O somno espalhou mais um bocado, afugentado pela brisa fresca da noite.

Mas foi por pouco tempo.

Não tardou em que estivesse de volta com Roberto.

—E' exquisito, tenho passado tanta noite sem dormir, disse elle consigo, e justamente hoje, que preciso estar acordado, que não posso dormir, que não devo de forma alguma dormir, é que me dá um somno d'estes!

Accendeu outro charuto, poz-se em pé e começou a passeiar pelo jardim, para espartar.

De repente achou-se defronte d'uma janella illuminada.

Roberto olhou, conteve a custo um grito de surpresa, de admiração, que lhe accudiu aos labios, e os seus olhos, que estavam quasi fechados de somno, abriram-se cheios de scintillações...

A janella era a do quarto da governante de seu pae.

(Continúa)

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

G VISCONDE DE MOREIRA DE REY

Nasceu na freguesia de Moreira de Rey, na casa do Foral, comarca de Fafe.

Antonio Augusto Ferreira de Mello, que era o seu nome antes de ser agraciado com o titulo, foi para Coimbra, onde se formou na faculdade de direito em 30 de junho de 1858, passando então por um estudante mediocre, por não querer pôr ao serviço do seu enorme talento umas horas de estudo.

Concluida a sua formatura, foi assentar banca de advogado no Porto, onde se demorou por algum tempo.

Tres ou quatro annos depois publicava o notavel advogado o seu primeiro trabalho scientifico, intitulado «Commentario critico e explicativo da lei hypothecaria de 1 de julho de 1863,» dedicando-o á associação dos advogados.

Foi então que o seu nome começou a ser conhecido e respeitado como o de um homem de saber.

Logo em seguida, publicou o illustre advogado Ferreira de Mello um opusculo, chamado «o que são e o que valem as alterações propostas pela commissão revisora do Projecto do Codigo Civil portuguez,» que mereceu a seguinte observação ao illustre bibliographo Innocencio da Silva:

«Creio bem que as doutrinas que elle encerra, deviam ter obtido mais consideração da parte dos nossos legisladores.»

«Nem tanto ao mar, nem tanto á terra, ou justa apreciação do casamento por contracto civil.—Segunda observação sobre o



1302



1301

MODAS

casamento civil, resposta a um membro da comissão, e ao sr. Neves Carneiro.—Theoria do direito hypothecario e do registo predial.—Casamento in articulo mortis, etc., são outros tantos volumes publicados pelo dr. Ferreira de Mello, já então tido e justamente havido como uma notabilidade do fóro portuguez.

Depois escreveu ainda varios artigos na «Gazeta dos Tribunaes de Lisboa,» no «Jornal de Jurisprudencia,» de Coimbra, e no «Commercio do Porto,» onde sustentou brilhantemente uma polemica com a «Revolução de Setembro,» em que combateu o projecto apresentado á camara dos deputados pelo sr. conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, no qual se estabelecia fóro comum para os crimes dos deputados.

Esta polemica está impressa em volume separado.

Por ultimo escreveu ainda o sr. visconde de Moreira de Rey, um «Commentario ao Código Civil Portuguez,» que attesta sobejamente o seu grande talento e a sua vastissima illustração.

Eleito deputado por Fafe, seguidamente, desde 1868 até 1879, deu, nas camaras de que fez parte, sempre exuberan es provas da energia da sua palavra, pondo constantemente e parte as conveniencias de partido, para encarar as questões pelo seu lado util para o povo.

Geralmente, diz-se que o visconde de Moreira de Rey é um philosopho.

Será, mas na acepção mais sublime e alevantada da palavra. Diz o que sente, e pelo menor numero de palavras que póde empregar.

Na camara dos deputados, de que fez parte por largos annos, e na camara dos pares, de que é hoje um dos mais illustres ornamentos, o visconde de Moreira de Rey não obedeceu nunca indicações de partidos, guardando sempre uma independencia absoluta e uma completa liberdade d'acção.

Se, por vezes, aos politicos não agradam os discursos do illustre orador, é porque se sentem esmagados pela sua logica de ferro.

LOPES CARDOSO

Falleceu no dia 22 de junho, na Bahia, onde fundara e dirigia o *Diario de Noticias*, o sr. Manuel da Silva Lopes Cardoso, natural de Fão, concelho de Esposende, jornalista muito conhecido e estimado em Portugal pelos seus compatriotas.

Lopes Cardoso contava 52 annos de idade e era filho do commendador José Joaquim Cardoso, homem illustrado e empreendedor, mas pouco feliz nos labores agricolas e commerciaes a que se dedicou.

Destinava o filho para uma carreira scientifica, mas um cunhado, commerciante na Bahia, a quem os negocios tinham corrido bem, começou a instar pela companhia do sobrinho. Pintava ao cunhado com as côres mais sedutoras o futuro auri-luzente que esperava o filho no alto commercio do Brazil, em vez de uma carta de bacharel e um logar de amanuense do ministerio da justiça, no Terreiro do Paço. O commendador Cardoso deixou-se seduzir pelos conselhos do cunhado e mandou o filho para a Bahia, aos 14 annos de idade.

Ao tio deveu Lopes Cardoso a sua iniciação na vida commercial e os estudos primarios que cursava nas horas vagas do escriptorio. Apenas quatro annos o tio de Lopes Cardoso olhou pelo sobrinho, porque a morte levou-o quando elle talvez começasse a julgar-o apto para seu coadjutor e futuro successor.

O Lopes Cardoso limpou as lagrimas pela morte do seu protector, entrouxou o facto e partiu para o Rio de Janeiro, mais rico com os seus 15 annos e com as suas esperanças de ver a côrte imperial, do que com os cobres que levava na algibeira. Dez annos esteve o filho de Fão no commercio do Rio de Janeiro, e é d'este periodo que datam os seus enthusiasmos pelo adiantamento do Brazil.

Frequentando varias sociedades litterarias de caixeiros de commercio, Lopes Cardoso cultivou a sua intelligencia, aprendendo o francez, o hespanhol e o italiano e dando-se de preferencia, nas leituras, ao theatro antigo e moderno.

Foi esta leitura que perdeu, ou que salvou Lopes Cardoso. Não ha factos indifferentes nas series que formam a fortuna prospera ou adversa. Sem aquella leitura theatral, o Lopes Cardoso teria vivido talvez ignorado, a administrar um engenho ou a rusar a manga de alpaca de um escriptorio.

A leitura dramatica fez-lhe coegas de entrar para o theatro e não resistiu. Quebrou os bicos á penna do «Deve e haver,» atirou pela janella fóra a raspadeira, e um bello dia enganou-se no caminho do escriptorio e enfiou para os bastidores de um theatro. Seis annos duram os seus amores com a deusa Thalia, com ella andou passeiando pelos principaes theatros do imperio, colhendo loiros e papel moeda.

Foi em 1865 que nós o conhecemos em Lisboa, tendo regressado do Brazil havia poucos dias, com o proposito de organizar uma companhia dramatica de primeira ordem para voltar ao imperio. Trazia alguns brilhantes, como é de rigor, alguns centos de mil réis para passar um ou dois mezes enquanto não organisasse companhia, e cinco pessoas de familia. Surgiram difficulda-

des para a organização da «troupa» e entretanto foi-se gastando o dinheiro, depois gastaram se os brilhantes e ficaram elle e as cinco pessoas de familia. Durante oito annos, dia a dia, Lopes Cardoso travou um combate com o destino pelo pão das proximas 24 horas, sem um minuto de desalento, sem quebra de brios, sem suspeita de desdouro.

Na faina pela vida, empregou a sua actividade em tudo para que lhe chegavam as suas aptidões: representou, ensaiou, escreveu dramas originaes, e para não esquecer de todo o Brazil, publicou um jornal com Silva Vieira e Alfredo Ribeiro, para ser vendido n'aquelle imperio. O «Eco de Portugal» teve apenas 6 mezes de vida e acarretou mais algumas dividas aos infelizes proprietarios.

O Lopes Cardoso sua esposa, e a sr.^a D. Gabriella da Cunha, conseguiram finalmente conquistar entrada no palco de D. Maria, onde tiveram merecidos triumphos.

Como o marinheiro que apenas salvo do naufragio volta de novo para o mar, Lopes Cardoso, apenas se achou com quatro vintens, tratou de regressar ao Brazil. Organizou uma companhia dramatica e em 1873 partiu para a Bahia, tendo feito um contracto com a presidencia da provincia. Ainda d'essa vez não lhe sorriu a fortuna; foi-lhe rescindido o contracto ao cabo de um anno, e elle ficou cheio de dividas, de familia e de penuria.

Passados annos, porém, vimo-l'o proprietario do *Diario de Noticias da Bahia*, jornal de grande importancia e extracção. Acabara-se-lhe o *caiporismo*, como no Brazil se chama á *caveira de burro*. Ganhava bem para viver, sempre com muito trabalho, e era estimadissimo.

Bem merecia Lopes Cardoso os afagos da fortuna, porque era bom e honrado, duas prendas que difficilmente atravessam a adversidade sem se escalavrarem.

O infortunio não o abateu nem a prosperidade o tornou vaidoso. Foi sempre o mesmo trabalhador honesto e seguro de si, e nunca pensou em se deitar á sombra dos louros colhidos.

Ha dois annos esteve em Lisboa. Mal imaginava elle e mal pensavamos nós que o abraço que trocámos havia de ser o ultimo!

O MARQUEZ DE POMBAL

A vida politica d'este homem natabilissimo começa verdadeiramente com o reinado de D. José. As suas missões diplomaticas em Londras e em Vienna d'Austria são como que o simples preludio d'essa vida, tão cheia de grandes coisas, que localisa em si toda a nossa attenção. A morte de D. João V realisava-se no meio da miseria publica e de uma desorganização profunda, que traziam inquieto o animo do povo, sollicitado por influencias contrarias. O poder real, quasi como nos tempos feudaes, achava-se diminuido pelo poder da nobreza e pelo poder do clero, ambos empenhados em cercear cada vez mais as garantias regias, o que tinha como immediata consequencia a anarchia das convicções e das obediencias. E é então que o marquez de Pombal, chegando, destroe os obstaculos á centralisação monarchica, como o cardeal de Richelieu, ao mesmo passe que funda uma sociedade nova e solida sobre as ruinas da sociedade velha.

Os acontecimentos servem-n'o. Aniquila as ambições dos Tavoras, de uma vez para sempre, apoz o attentado contra a vida do rei. Edifica uma capital nova, apoz o desastre de 1755. Quebra relações com a Curia e estabelece uma Igreja lusitana, apoz uma descortezia do Nuncio. E qualquar dos seus actos, ainda os mais violentos, traz o cunho de uma estabilidade extraordinaria, como se tivesse sido realisado em condições normaes.

O ministro de D. José tem a sua gloria, e ao mesmo tempo a sua accusação, na firmeza inabalavel com que procedeu sempre, caminhando direito ao seu fim, sem respeito pelas vontades alheias. Errou muitas vezes, como homem; nunca, como estadista;—a não ser quando preparou, involuntariamente, a entrada das ideias dos encyclopedistas na monarchia que a tanto custo defendeu e elevou. Elle não advinhou a Revolução, quando mandava suppliciar os nobres e expulsar os jesuitas:—limitou-se a erigir na opinião publica o principio monarchico.

MODAS

Submettemos hoje ao bom gosto das nossas leitoras os dois seguintes modelos de corpetes, verdadeiramente appetitosos:

1.^o Corpete de surah rosa pallido, franzido e caindo em papo sobre a saia; mangas largas franzidas, sobre o curto, cingidas ao braço com duas fitas terminando em laço, fazendo a extremidade da manga uma especie de folho. Sobre este corpete veste uma casaca de velludo azul desmaiado, sem mangas, muito comprida na frente, aberta aos lados e guardada com rebuços de surah. O primeiro corpete é enfeitado na frente com fitas, collocadas em tres ordens horisontaes, terminando ao lado com um laço.

2.ª Corpete de «peau de soie» heliotropo, abrindo sobre uma camizinha de cambráia, de seda pagueada, terminando em ponta com um laço igual. O corpete é guarnecido de rebuços e prende no peito com uma passamanteria. Mangas sobre o largo, terminando em baixo com um folho pagueado, forrado de cambráia.

OS PRELADOS VÃO FAZER PENITENCIA AO TUMULO DO APOSTOLO

Penitencia publica era a espição solemne imposta pela egreja aos grandes peccadores, que tinham incorrido na excommunição, e que pediam para voltar á communhão dos fleis.

A duração d'esta penitencia variava segundo a gravidade das faltas, e consistia em jejuns, abstinencia, flagellações inflingidas pelos sacerdotes, etc.

Os proprios principes se submeteram a esta penitencia, nos tempos do poderio ecclesiastico.

O imperador Theodosio foi a ella sujeito por Santo Ambrosio, depois da matança de Thessalonica; Luiz, o Benigno, submetteu-se ao concilio d'Attigny, em 822, depois da morte de seu sobrinho Bernardo; Henrique II, rei de Inglaterra, soffreu-a depois da morte de Thomaz Becket, arcebispo de Cantorbery.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas em verso

(Ao distincto charadista Oruol)

Procure bem, caro amigo,
E consulte a geographia;
Se achar antiga cidade,—3
Verá que eu não lhe mentia.

Se vir n'alguma cidade
Qualquer porto favoravel,—2
Admire os arredores,
E se, lhe-ha mui agradavel.

As duas cousas reunidas
Formam fabrica usual;
Basta; não digo mais nada.
Hein? Já não está muito mal!...

Castello Branco.

SALVO!

Morrias se te faltasse
A primeira—1
Estão na esculptura a segunda
E a terceira—2

Has de ficar
Satisfeito,
Produce a terra
O conceito.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Jacaré—Pataca—Largis—Gilvás—Lipote:

DAS CHARADAS EM VERSO:—Italo—Mocomoco.

A RIR

Um padre, de «primo cartello», costumava sempre, ao meio dia, comer o almoço de certo burguez, que não gostava muito de taes visitas. N'uma occasião, á mesa, disse-lhe o padre, conversando:

—Nós estamos tão distanciados do sol, que se jogassem de lá um burro, levaria vinte annos a chegar á terra.

—Pois olhe, o que lhe posso garantir é que se jogassem de lá um padre ás onze e meia, ao meio dia estaria aqui para almoçar commigo.

UM CONSELHO POR SEMANA

TINTA DE ANILINA INALTERAVEL

Juntam-se a uma mistura de 60 gottas d'acido chlorydrico concentrado e 25 grammas de alcool, 4 grammas de negro de anilina, obtendo-se um liquido azul intenso, que se junta a 100

grammas d'agua, contendo em dissolução 6 grammas de gomma arabica.

A SENHORA VISCONDESSA

A viscondessa de Oliveira, era a alma boa da pequena freguezia rural de Nossa Senhora dos Anjos nos suburbios da cidade de Ponta Delgada. O seu palacio amarello e quadrado, vasto casarão sem graça, constituia, não obstante, o orgulho da povoação. Tinha um amplo pateo d'entrada, e por detraz do edificio desdobrava-se uma infidavel quinta ajardinada no puro estylo inglez, quinta em que o util se reunia em adoravel convivio com o agradável.

Os pobres olhavam com tanta veneração para o palacio da fidalga, como os musulmanos de todos os territorios do crescente olham para Mecca. Aquelle palacio era ao mesmo tempo egreja, pharmacia, banco, soca economica e cartorio forense da população. A fidalga generosidade da viscondessa a todos acudia.

Não tinha nenhum parente proximo. Solteira, vivia só com os creados. Era uma mulher de quarenta annos, robusta e magestosa como uma rainha. Desgostos profundos, levaram-a a retirar-se da cidade, onde aliás podia bri'har com vantagem, e encafuara-se n'aquella especie de convento. Gosava, porém, a vida tranquilla das almas contemplativas e meigas, lendo os livros da sua magnifica bibliotheca, o que causava o desespero do padre cura, por não comprehender que uma senhora tão temente a Deus podesse ler outra cousa alem do «Flos-Sanctorum», o «Novo Testamento» e os manuaes christãos de differentes e originaes auctores.

A viscondessa sorria-se com piedade, da intolerancia parva do cura e ia lendo sempre. Havia obras philosophicas que faziam soltar profundos berros de indignação ao desgraçado clérigo.

Era devido a essas leituras fortificantes, que a excellente senhora tinha a alma ingenua dos que pensam e veem n'este mundo de miserias sociaes, apenas uma marcha accelerada em comboio expresso, do berço ao sepulcro. Ella sabia que a mulher não passa de uma rosa, cuja belleza, fascinação e esplendor dura apenas dez annos. Tudo o que vem depois, é mentira.

A viscondessa, como todas as jovens, pagou o seu tributo á natureza. Amou e foi amada. E como todas as donzellas ricas, foi alvo de ambições desordenadas, de planos mais ou menos audaciosos. Os paes quizeram casal-a com um ricoço de grande influencia e grande abdomen.

Infelizmente para o pretendente, a menina enamorara-se perdidamente de um moço pobre como Job, mas formoso como um anjo e bom como um justo. Como apertassem com ella, fugiu com o seu bem amado, mas os seus poderosos parentes depressa descobriram o seu ninho e obrigaram-n'a a voltar a casa, visto ser ainda menor.

O que não poderam, foi evitar as consequencias d'aquelle passo allucinado. A pobre, ao fim de nove mezes era mãe. E no seu delirio do um successo angustioso, não deu pelo roubo do recém-nascido. Os paes disseram-lhe ter vindo ao mundo, morto. Mas no seu espirito, ficou sempre a duvida lancinante.

O amante teve egualmente um fim tragico. Moeram-no n'uma emboscada nocturna, com um sacco d'areia, á moda da ilha, e o infeliz entisicou e succumbiu n'um anno.

Dolorosamente resignada, a joven recolheu-se em si e e seu coração encheu-se de desprezo pela sociedade falsa e ignobil. Recusou terminantemente todas as pretensões á sua mão. Não se retirou a um convento, porque, muito instruida, sabia que não iria encontrar a tranquillidade tão apregoada por diversos escriptores, mas sim sob outro aspecto, a hypocrisia religiosa, o despotismo das regras, a pieguice beata, insoffrivel para um espirito alevantado.

Para convento, bastava-lhe a solidão do seu quarto; e para entretenimento, a conversa muda dos seus livros, onde o pensamento mergulhava até ao mais profundo da alma; nas altas especulações altruistas de uma sã moral e de uma verdadeira philosophia humana. Via palpitar em volta de si o mundo como elle é, atravez dos prismas scientificos dos lucidos expositores. E tinha as dices coleras dos indignados pacificos e os impetos de compaixão dos corações bem formados.

Foi n'estas alturas que succedeu morrerem-lhe os paes, deixando-a senhora da sua vontade e de uma grande fortuna.

Cairam-lhe á perna os morgados arruinados, epilepticos d'amor.

—A senhora precisa quem lhe administre a sua casa, diziam elles.

—Administro-a eu, respondia-lhes ella imperturbavel e com desejo de acrescentar: «jamais a confiaria a quem não sabe administrar a sua.»

Mudou-se da cidade para a sua casa de campo, no lugar de Nossa Senhora dos Anjos, e levou consigo todos os seus creados.

Livre nos seus actos, desenvolveu-se-lhe então a paixão pelas creanças. Quando nas garden party que lhes offerecia, as aper-

tava nos braços, o seu coração palpitava singularmente, e perguntava a si mesma, elevando os olhos ao céu:

—O meu filho morreria, ao certo?

Era sobretudo com uma extraordinária commoção que contemplava os engeitados. O seu filho ou filha, se era falso o ter morrido, devia ser um d'esses infelizes desherdados. E ella tão rica, sem ninguem a quem deixar a sua fortuna, sem um ente ao seu lado que soubesse, ser do seu sangue.

Carinhosa para todos os creados novos e velhos, era por elles adorada. Um dia, o cocheiro, homem d'idade e de mau character, e pae de umas poucas de raparigas, teve uma rixa com um namorado de uma das filhas e assassinou-o, fugindo para casa da viscondessa, aos pés da qual se prostrou, pedindo protecção.

Confessou o crime, francamente, com uma grande ferocidade,

creança fôra assassinada, teria o cuidado de inventar uma historia para lançar para um terceiro a responsabilidade. Em todo o caso, a viscondessa ficava sabendo se o filho existia ou não.

Depois de reflectir rapidamente, a viscondessa levantou-se de golpe da cadeira, e em toda a imponencia da sua figura de rainha, deu dois passos para o cocheiro, e com os olhos chammejantes, vibrou lhe esta estocada:

—E's um assassino? Ainda bem! E' a justiça de Deus! Vaes ter agora na costa d'Africa, para toda a vida, o pago do que me fizeste. Espantas-te; não é assim? Admiras-te de que eu saiba tudo e não te tenha banido de minha casa, como um miseravel? Mas é que eu conheço o coração humano e esperava isto mesmo. Se te expulsasse de minha casa, tornavas-te humilde, como é proprio dos cobardes, e eu queria que conservasses esse atrevimento e esse orgulho de servo de casa rica, que faria a tua perdição!

Vendo subitamente faltar-lhe aquelle apoio com que contava, o cocheiro ficou aniquilado. Arrastou-se no chão, supplicante, beijando a alcatifa onde a viscondessa punha os pés, por não se atrever sequer a beijar-lhe a ponta dos sapatos.

—Perdão, senhora viscondessa, perdão!

A viscondessa tentou um ultimo esforço, e com uma força extraordinaria, lançou-lhe as mãos aos hombros, ergueu-o em pé e encarando-o fixamente, perguntou-lhe n'um tom terrivel:

—Que fizeste do meu filho? Falla, miseravel!

O cocheiro, levantando os olhos para a viscondessa, disse-lhe:

—Senhora! A filha de v. ex.ª...

—Ah! era uma filha?

—Era...

—Bem. Aonde está?

—Está em minha casa. E' a minha filha mais velha.

—Como?!

—O pae de v. ex.ª obrigou-me a tomal-a como minha filha legitima, e como tal está baptisada.

—E não tens documento nenhum por onde me proves a verdade de tudo isso?

—Tenho, sim senhora. O antigo capellão da casa de v. ex.ª, o padre Francisco, que era o confessor dos srs. viscondes, quando morreu chamou-me à cabeceira e disse-me: « - João! Sei tudo, graças á minha qualidade de confessor dos srs. viscondes, que Deus haja e com os quaes me vou encontrar na eternidade. Não quero ir sobrecarregado com um segredo que pôde decidir do futuro d'essa menina a que tu chamas indevidamente tua filha. A filha dos srs. viscondes, hoje viscondessa de Oliveira, nunca quiz casar e conservou-se fiel á memoria do amante. Espera tu que um acaso favoravel a leve a procurar a filha, e então apresenta-lhe este papel, que contém uma declaração do facto, assignada pelos finados viscondes, que m'a confiaram, e a minha propria declaração. Não são precisos mais do que estes documentos para restituir á infeliz creança o amor de sua legitima mãe; o resto fará ella porque a lei auctorisa-a a perfilhar quem quizer.

A viscondessa, desvairada pela alegria, gritou:

—Vamos já a tua casa!

—Senhora, não posso sair, porque me prendem.

A viscondessa, levantando então a sua soberba cabeça, respondeu com um olhar de espantosa altivez:

—A minha carruagem é sagrada!

E arrastando por um braço o cocheiro, precipitaram-se ambos para a escadaria principal do palacio.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.ª, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



OS PRELADOS VÃO FAZER PENITENCIA AO TUMULO DO APOSTOLO

persuadido que, desde o momento que um mariola qualquer lhe namorava as pequenas, tinha direi o de o matar.

—Se elle tivera mil vidas, mil lhe arrancára! exclamava elle.

A viscondessa, que não conhecia a prenda que tinha da porta para dentro, ficou surprehendida ante a revelação d'aquelle character, e uma idéa luminosa lhe atravessou a mente: se o seu filho não nascera morto e os paes d'ella o mandaram matar, ou simplesmente engeitar, devia ser aquelle homem que teriam dado um tal encargo. Elle era talhado de molde para isso.

Convencida de que tinha diante de si a chave do enigma que ha bastante tempo procurava, pensou primeiro se conviria dizer-lhe que sabia ter elle morto o filho. Isso, porém, seria inutil, porque se elle o tinha morto, não o confessaria decerto. Conviuha mais perguntar-lhe o que tinha feito d'elle; porque se a